**Um Agosto pouco tranquilo**

A pacatez tradicional do mês de Agosto parece ser hoje coisa do passado. Com as eleições à porta, os políticos reduziram as suas férias e anteciparam a ‘rentrée’, assinalada por uns e por outros de modo mais ou menos oficial. Nada de surpreendente dadas as circunstâncias, não tivessem sido alguns folhetins como o dos cartazes ou o dos debates.

Relativamente ao episódio dos cartazes do Partido Socialista, não insisto sobre o desrespeito e abuso de utilização da imagem de pessoas comuns para fins que (além de falsos) se lhes mantêm absolutamente desconhecidos ou sobre a gafe da denúncia do desemprego desde o Governo Sócrates. Prefiro mesmo sublinhar a oportunidade (ou falta dela!) da crítica socialista aos valores do desemprego provocados pela coligação na mesma ocasião em que o Instituto Nacional de Estatística/INE divulga os números mais positivos desde 2010: nos últimos três anos a taxa de desemprego caiu 1,8%, uma quebra tão acentuada que já não se verificava desde 1998, situando-se agora em 11,9%, valor abaixo ao que se registava quando a troika entrou em Portugal e idêntico ao de 2010. Apesar de ainda elevados são os melhores números desde há muito!

Quanto à organização dos debates públicos, as exigências e os entraves são tantos de todos os lados que o objectivo parece ser mais o de os inviabilizar. E entretanto, sem debates, os debates tornaram-se notícia!

Em todo o caso, parece que a maioria dos eleitores votantes já terá decidido o sentido do seu voto. Faltam, obviamente, os indecisos que, demasiadas vezes, se convertem em abstencionistas.

A animar este mês de Agosto temos contado com a acção enérgica de alguns grupos socioprofissionais que, a pretexto da defesa de interesses corporativistas, têm participado claramente na pré-campanha. Não há aliás outra explicação para reivindicações laborais recorrendo à acção mais radical e necessariamente excepcional que está ao seu dispor – a greve –, durante um Agosto pré-eleitoral em que a Assembleia da República está fechada e já só reabre depois das eleições e em que no Governo há ‘roulement’ para férias, encontrando-se também este com um raio de acção diminuído. E como se todas estas circunstâncias ponderosas não bastassem para denunciar os intuitos meramente políticos das mais recentes greves e da ameaça de outras tantas, importa sublinhar que as reivindicações incidem precisamente sobre questões que se sabe de antemão não haver possibilidade de satisfazer (mesmo que houvesse vontade política). Os grevistas garantem assim não serem atendidos nas suas proclamadas reivindicações, podendo seguramente continuar a sua greve e a prossecução dos seus reais objectivos que só podem ser o de perturbar a vida das pessoas e gerar descontentamento, destabilizar a sociedade e provocar agitação. Enfim, armar um clima de contestação adverso ao actual governo na pretensão, mal disfarçada, de influenciar as eleições que se aproximam. E assim são despudoradamente manipulados justos interesses de grupos socioprofissionais, num Agosto que tem servido de palco a muitas causas.

M. Patrão Neves

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)